



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 01/08/2025 e 07/08/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
01/08/2025	9,61	267,50	54,72	5,16	3,89
04/08/2025	9,69	273,80	54,50	5,16	3,87
05/08/2025	9,69	273,60	53,84	5,08	3,81
06/08/2025	9,61	269,40	53,79	5,08	3,79
07/08/2025	9,71	272,70	53,54	5,18	3,84
Média	9,66	271,40	54,08	5,13	3,84

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	122,50	
RS – Não Me Toque	122,00	
PR – Pato Branco	121,00	
PR – M.C.Rondon	116,00	
MT – C.N.Parecis	113,00	
MS – Maracaju	120,00	
GO - Rio Verde	114,00	
BA – L.E.Magalhães	120,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	64,50	CIF
Porto de Paranaguá	67,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	63,00	
PR – M.C.Rondon	50,00	
PR – Pato Branco	56,00	
MT – C.N.Parecis	44,00	
MS – Maracaju	48,00	
SP – Itapetininga	59,00	
SP – Campinas	64,00	CIF
GO – Rio Verde	47,00	
GO – Jataí	47,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Pato Branco	78,00	
PR – M.C.Rondon	76,00	

Período: 06/08/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 07/08/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	61,98	123,02	69,93

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
07/08/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	67,35
Feijão (saco 60 Kg)	151,88
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,32
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,53**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,48

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Junho/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, continuaram fracas nestes primeiros dias de agosto. O bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, se manteve em US\$ 9,61 nos dias 1º e 06 de agosto, fechando um pouco melhor na quinta-feira (07), em US\$ 9,71, contra US\$ 9,61 uma semana antes. A média de julho fechou em US\$ 10,09/bushel, ficando 3,8% mais baixa do que a média de junho. O bom andamento da nova safra nos EUA e o tarifaço de Trump, atingindo a China (em represália o país asiático, após negociações, estabeleceu 13% de tarifa aduaneira sobre o preço da soja importada dos EUA), acaba enfraquecendo as cotações em Chicago.

Neste sentido, as lavouras de soja em boas ou excelentes condições nos EUA estavam em 69% do total no dia 03/08, contra 68% um ano antes. Por outro lado, 85% das lavouras estão em fase de florescimento, contra os mesmos 85% um ano antes e a média de 86%. Ainda 58% das lavouras estavam em fase de formação de vagens, contra 57% no ano passado e 58% na média.

Por outro lado, na semana encerrada em 31/07, os EUA embarcaram 612.539 toneladas de soja, superando o esperado pelo mercado. Com isso, em todo o atual ano comercial as exportações chegam a 47,8 milhões de toneladas, superando em 11% o volume exportado no mesmo período do ano anterior.

Enquanto isso, a China passou a comprar farelo de soja da Argentina, aproveitando-se dos preços mais baratos. Nesta semana o país asiático teria adquirido 30.000 toneladas do produto, a um preço de US\$ 345,00/tonelada, já incluindo o frete. Desde 2019 os chineses vêm comprando farelo argentino. Atualmente o preço do farelo de soja argentino está mais baixo do que o produzido no interior da China, tendo o produto do vizinho país aumentado sua competitividade com a recente redução do imposto de exportação (retenções) de 31% para 24,5% para este subproduto da soja.

E no Brasil, graças a prêmios firmes devido a maior procura chinesa pelo produto brasileiro, no contexto da guerra comercial imposta por Trump, os preços da soja se mantiveram firmes, embora um pouco mais baixos, na média, do que os praticados um ano antes. Mas se não fosse o prêmio, os preços atuais seriam mais baixos do que os atualmente praticados, já que o câmbio voltou à casa dos R\$ 5,46 por dólar durante a semana e Chicago, como vimos, despencou. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 123,02/saco, perdendo mesmo assim mais de um real por saco em relação a semana anterior, enquanto as principais praças trabalharam entre R\$ 122,00 e R\$ 123,00/saco. Nas demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 113,00 e R\$ 121,00/saco.

Em paralelo, a futura safra brasileira, que iniciará o plantio em setembro, deverá chegar, em clima normal, entre 178 e 180 milhões de toneladas, considerando um aumento de área semeada entre 1,5% a 2% sobre o ano anterior. Com isso, as exportações podem chegar a 112 milhões de toneladas, especialmente se o conflito comercial entre EUA e China continuar. A área total semeada poderá chegar a 48,6 milhões de hectares. Em condições normais, os preços, no momento da colheita, poderão ser um pouco menores do que os atuais (cf. Stone X e Céleres). Mas existem analistas privados que apontam a possibilidade de a futura safra total atingir até 183

milhões de toneladas de soja, esperando uma boa recuperação da produção gaúcha, após a perda de cerca de 40% neste ano devido à seca (cf. Datagro).

Por sua vez, as vendas antecipadas desta futura safra, considerando uma produção ao redor de 180 milhões de toneladas, teriam alcançado a 16,8% deste total, contra 26,8% na média histórica. Quanto a safra passada, as vendas atingiram a 78,4% da produção calculada, contra 85,7% na média para o início de agosto (cf. Safras & Mercado).

Enfim, com a aprovação da Lei do Combustível do Futuro, o Brasil tende a engrenar em um consumo mais acentuado de biodiesel e, por consequência, de óleo de soja, pois este subproduto compõem ao redor de 75% da produção do combustível bio nacional. A Lei prevê a mistura de 20% de biodiesel ao diesel fóssil até 2030. Lembrando que neste 1º de agosto a mistura passou à 15%, ou o conhecido B15. Segundo o Plano Decenal de Expansão de Energia 2034 (PDE 2034), da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), o consumo de diesel no Brasil deverá crescer 2,1% ao ano, alcançando 84 bilhões de litros até 2034. Apenas em 2025, o mercado brasileiro já vendeu 33,2 milhões de metros cúbicos do combustível até junho. O biodiesel acompanhou o ritmo: foram 4,53 milhões de m³ comercializados, alta de 6,2% no primeiro semestre do ano. O crescimento foi puxado tanto pela elevação da mistura de B12 para B14 em março de 2024, quanto pela expansão geral do mercado de diesel fóssil. “Se mantido o cronograma da nova legislação para o B20 e considerando o crescimento projetado para o diesel pela EPE, o consumo de biodiesel deverá alcançar 15,2 bilhões de litros em 2030, o que representa um salto de 68% sobre os 9 bilhões de litros consumidos em 2024”. Para sustentar esse avanço, mantendo a participação do óleo de soja como insumo majoritário, será necessário expandir significativamente a oferta da commodity. O volume de óleo de soja para o biodiesel passará de 6,6 bilhões de litros em 2024 para 10,2 bilhões em 2030, uma elevação de 54%. Esse aumento de demanda implica a melhora da infraestrutura industrial. Considerando um rendimento médio de 19% de óleo por tonelada de soja esmagada, será preciso adicionar 22,2 milhões de toneladas à capacidade de processamento nacional nos próximos cinco anos, o que exigirá a construção de 47 novas esmagadoras de soja e 33 usinas de biodiesel. O investimento estimado é de R\$ 53 bilhões (cf. SCA Brasil e Abiove). A questão é dar conta do farelo que virá junto com a trituração do grão para fazer óleo, já que de cada unidade esmagada saem, em média, 18,5% de óleo e 78% de farelo. Além disso, o aumento do consumo interno de derivados tende a modificar o volume exportado em grãos de soja, caso a produção não acompanhar o ritmo.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, igualmente continuaram em recuo neste início de agosto. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, chegou a US\$ 3,79 no dia 06/08, tendo fechado o dia seguinte (07) em US\$ 3,84, contra US\$ 3,94 uma semana antes. A média de julho ficou em US\$ 4,06, recuando 5,6% sobre a média de junho. O excelente avanço da nova safra do cereal nos EUA, somado à guerra tarifária imposta por Trump, derrubam as cotações do milho.

De fato, no dia 03/08 as lavouras em condições entre boas a excelentes, nos EUA, chegavam a 73% do total, contra 67% um ano atrás na mesma época. Neste início de

agosto, 88% das lavouras estavam em fase de embonecamento, contra 89% na média histórica, e 42% das mesmas estavam em fase de formação de grãos.

Já na área das exportações, os EUA embarcaram, na semana encerrada em 31/07, um total de 1,2 milhão de toneladas, superando as expectativas do mercado. Com isso, o total exportado até o momento, no atual ano comercial, chega a 48 milhões de toneladas, volume 28% maior ao registrado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços se mantêm relativamente estáveis, mas em níveis baixos e pressionados. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 61,98/saco, enquanto as principais praças praticaram valores entre R\$ 58,00 e R\$ 60,00. Nas demais regiões do país, os preços oscilaram entre R\$ 44,00 e R\$ 63,00/saco.

Dito isso, segundo analista privado, o Brasil já colheu, até este início de agosto, 74,2% de sua área da safrinha, contra a média de 72,2%. Nota-se uma aceleração da colheita neste momento (cf. Pátria AgroNegócios). Já no Centro-Sul brasileiro, até o dia 31/07, a colheita chegava a 81% da área, contra 95% um ano atrás (cf. AgRural). Enfim, em todo o país, segundo a Conab, a colheita da segunda safra atingia a 75,2% da área no dia 03/08, contra 77,6% na média histórica.

Enquanto isso, no Mato Grosso, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), a oferta total de milho, no ano 2024/25, deverá ser de 55,1 milhões de toneladas, com 13,3% de aumento sobre o ano anterior. A demanda está projetada em 53,7 milhões naquele estado, aumentando 10,5% sobre o ano anterior. Com isso, a exportação mato-grossense de milho poderá subir 15,9%, atingindo a 28 milhões de toneladas, enquanto o consumo interno no estado ficaria em 17,4 milhões, com aumento de 6,7% sobre o ano anterior. Este consumo interno corresponderia a 32,4% da demanda total. Com isso, os estoques finais no Mato Grosso, para o ano 2024/25, seriam de 1,41 milhão de toneladas. Tudo isso consolida um ano recorde para o milho no Mato Grosso.

Em termos de país, analista privado estima uma safrinha total em 111,7 milhões de toneladas, após revisão. Com isso, o total nacional de produção do cereal poderá ser de quase 140 milhões de toneladas (cf. StoneX) (lembrando que existem expectativas de uma produção total de até 150 milhões).

Quanto às exportações brasileiras de milho, segundo a Secex, entre fevereiro e a quarta semana de julho (atual ano comercial brasileiro fev/25-jan/26) o Brasil exportou apenas 4,3 milhões de toneladas do cereal, contra 7 milhões no mesmo período do ano anterior. Portanto, ainda muito distante da projeção de vendas totais, no ano comercial, que é de 34 milhões de toneladas.

Enfim, o Brasil deverá produzir um recorde de óleo de milho, devendo atingir a 430.000 toneladas até o final de 2025, sendo que 320.000 toneladas serão originadas na indústria de biocombustível. A indústria de moagem úmida de milho (wet milling), focada na produção de amidos e outros derivados, deve gerar cerca de 85.000 toneladas. Já a indústria de moagem a seco (dry milling) contribuirá com aproximadamente 25.000 toneladas. Por sua vez, em 2013 o Brasil foi responsável por esmagar ao menos 100.000 toneladas de milho para a produção de etanol. Doze anos depois (2025), o país caminha para processar cerca de 20 milhões de toneladas do

grão para o mesmo fim, o que aumenta a oferta do óleo (cf. Vinculum Agro Consultoria). Segundo informações da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), o Brasil exportou, em abril de 2025, 54.200 toneladas de óleo de milho, com valor recorde de US\$ 55,2 milhões. O estado de Goiás destacou-se, com exportações superiores às do ano de 2024 inteiro. "Hoje, o quilo do óleo de milho está na faixa de R\$ 5,60. Uma usina que extrai 15 quilos/tonelada gera uma receita adicional de quase R\$ 84,00/tonelada de milho."

MERCADO DO TRIGO

E a cotação do trigo, para o primeiro mês cotado em Chicago, recuou na semana, chegando a US\$ 5,08/bushel no dia 06/08, porém, se recuperou um pouco na quinta-feira (07) a fechar em US\$ 5,18, contra US\$ 5,23 uma semana antes. A média de julho ficou em US\$ 5,40/bushel, idêntica à média de junho.

Por sua vez, nos EUA, a colheita do trigo de inverno, no dia 03/08, atingia a 86% da área semeada, contra 87% na média histórica. Já a colheita do trigo de primavera alcançava 5% da área, contra 9% na média. Quanto às condições das lavouras deste trigo de primavera, ainda a serem colhidas, 48% estavam entre boas a excelentes, 35% regulares e 17% se encontravam entre ruins a muito ruins.

Enquanto isso, os EUA, na semana encerrada em 31/07, embarcaram 599.595 toneladas de trigo, ficando no limite superior do intervalo esperado pelo mercado. Com isso, o total exportado, até o momento, no atual ano comercial, soma 3,9 milhões de toneladas, ou seja, 9% a mais do que no ano anterior nesta mesma época.

Já no Brasil, os preços do trigo ao produtor, no interior, não se alteraram em termos médios. No Rio Grande do Sul, o produto de qualidade superior, permaneceu em R\$ 70,00/saco, enquanto no Paraná o mesmo oscilou entre R\$ 76,00 e R\$ 78,00.

Em relação a média de julho, houve recuo pelo terceiro mês consecutivo, devido a baixa liquidez interna e a preferência pelo produto importado. Assim, "em julho/25, a média mensal do trigo negociado no Rio Grande do Sul foi de R\$ 1.317,83/tonelada, FOB, queda de 2,5% sobre a de junho/25 e de 12,8% em relação a julho/24, em termos reais (os valores foram deflacionados pelo IGP-DI). No estado do Paraná, a média foi de R\$ 1.476,95/tonelada, com recuo de 2,2% no comparativo mensal e de 7,2% no anual. Em São Paulo, os recuos foram de respectivos 2% e 8,9%, a R\$ 1.499,43/tonelada em julho/25. Em Santa Catarina, a média, de R\$ 1.441,48/tonelada, caiu 1,9% e 7,4%, na mesma ordem." (cf. Cepea).

Por outro lado, enquanto a produção pode ser reduzida no Paraná e no Rio Grande do Sul, devido a forte redução da área semeada e dos problemas climáticos, em São Paulo a expectativa é de uma das melhores colheitas nos últimos três anos. Espera-se produtividade média entre 3.500 e 4.000 quilos, levando a expectativa de produção final local a 340.000 toneladas.

Dito isso, nesta primeira semana de agosto os negócios foram pontuais e com pouquíssimas exportações no Rio Grande do Sul, com alguns negócios sendo fechados no interior a R\$ 1.300,00/tonelada para o trigo da safra 2025 que virá a ser

colhida, com pagamento previsto para setembro. Caso o produto não atinja o padrão de moagem, há possibilidade de direcionamento para ração, com deságio de 20%. Aproximadamente 4% da nova safra já foi comercializada. Em Santa Catarina o mercado permaneceu estável, mas com pressão dos preços gaúchos. As compras são feitas apenas para reposição, uma vez que a ampla oferta de trigo do Rio Grande do Sul tem pressionado os preços. O trigo importado segue mais competitivo do que o paranaense, com preços cotados a US\$ 272,00 por tonelada em Paranaguá. E no Paraná, os moinhos estão estocados e existe expectativa para a nova safra, a preços ainda menores. A margem de lucro dos produtores paranaenses caiu para 4,1%, em comparação com os 5,73% registrados na semana anterior. O mercado futuro já sinalizou margens de até 32,1%, mas a expectativa é de queda nos preços à medida que a colheita se aproxima (cf. TF Agrônômica).

Enfim, segundo o Deral, as lavouras do Paraná, no dia 04/08, se apresentavam com 6% ruins, 12% regulares e 82% em boas condições. E no Rio Grande do Sul, segundo a Emater, o mês de julho findou com 100% das lavouras de trigo na fase de germinação e/ou desenvolvimento vegetativo.